

RELAÇÕES INTERNAS NA FAMÍLIA LINGÜÍSTICA TUPI-GUARANI

Aryon D. Rodrigues

UNICAMP

O propósito deste trabalho é apresentar uma subdivisão da família lingüística Tupí-Guaraní com base no conhecimento que atualmente temos dela. Embora o conhecimento das línguas Tupí-Guaraní tenha aumentado consideravelmente nos últimos 25 anos, desde a publicação de minha classificação anterior (Rodrigues 1958a, b), sobretudo devido à documentação e análise de grande número de línguas, não está entretanto ainda suficientemente desenvolvido de modo a poder-se lançar mão de todos os aspectos fonológicos, gramaticais e lexicais das diversas línguas. A maior parte dos resultados dos estudos realizados neste quarto de século continua inédita e, por isso, pouco disponível para a pesquisa comparativa. Por essa razão, a proposta aqui apresentada se baseia numa seleção limitada de elementos fonológicos e lexicais, com recurso apenas marginal a informações gramaticais, e tem caráter necessariamente provisório. Não obstante, acredito que a presente proposta oferece bastante consistência do ponto de vista da lingüística histórica e que poderá revelar-se útil como um modelo hipotético de desmembramento histórico das línguas e, em certa medida, dos povos Tupí-Guaraní, a ser testado não só pelos lingüistas, mas sobretudo também pelos antropólogos, em vista de argumentos sociais e culturais.

Preliminarmente, quero referir-me brevemente às noções de parentesco lingüístico genético e de proto-língua. Duas ou mais línguas são consideradas geneticamente aparentadas quando compartilham propriedades estruturais e lexicais tais e tantas,

que, em seu conjunto, não se possam explicar nem como consequências independentes de princípios universais da linguagem, nem como resultado de um processo de aquisição pelos falantes de uma língua em eventual interação social com os falantes de outra; a hipótese que se põe, então, é a de que as línguas em questão sejam manifestações diferenciadas do que foi no passado uma mesma língua e que as propriedades compartilhadas sejam a herança comum conservada sem diferenciação ou apenas com diferenciações menos profundas.

Esta hipótese se baseia em duas propriedades conhecidas das línguas em geral: (a) toda língua está em constante mudança e (b) as mudanças numa comunidade lingüística não coincidem necessariamente com as mudanças em outra comunidade. Desde o momento em que uma comunidade se divide em duas, com consequente interrupção parcial ou total da comunicação entre os membros dos dois segmentos, começa a haver mudanças lingüísticas descoincidentes em cada um destes, as quais passam a caracterizar um processo diferencial crescente. O maior ou menor grau de diferenciação observável entre as línguas em dado momento é basicamente uma função do tempo decorrido entre o início do processo - a cisão da comunidade original - e o momento da observação. O processo de cisão pode repetir-se algum tempo depois, afetando qualquer das línguas resultantes. Os termos dialeto, (língua da mesma) família, (língua do mesmo) tronco, (língua do mesmo) filo são usados pelos lingüistas para indicar diversos graus de diferenciação. Esses termos implicam, portanto, diferentes profundidades temporais entre o momento da observação e a língua comum original tomada em consideração. Essa língua comum em cada caso considerado é o que se chama de proto-língua. A proto-língua de um filo tem profundidade tem-

poral maior que a de um tronco, a profundidade temporal da proto-língua de um tronco é maior que a da proto-língua de uma família, e a profundidade temporal da proto-língua de uma família é maior que a da proto-língua de um grupo de dialetos.

Esse modelo de multiplicação de línguas por cisão de comunidades lingüísticas não esgota os casos de surgimento de novas línguas. Um caso complementar é o da interação de duas línguas numa mesma comunidade - bilingüismo - com subsequente redução a uma só língua com propriedades dominantes de uma das duas, mas com características devidas à outra. Diferentes situações sociais podem dar lugar a uma grande variedade de relações entre duas línguas num contexto bilíngüe, levando a resultados bastante diversos quando da redução do bilingüismo a uma só língua. Qualquer família lingüística pode incluir línguas que tenham resultado de um processo dessa natureza.

A classificação das línguas dos povos Tupí num tronco Tupí que abrange diversas famílias deve ser entendida como refletindo esse modelo genético. As línguas das famílias Tupí-Guaraní, Tuparí, Mondé, Arikém, Ramaráma, Mundurukú e Jurúna provêm de proto-línguas (Proto-Tupí-Guaraní, etc.), as quais, por sua vez, são oriundas de uma proto-língua mais remota, o Proto-Tupí¹. Além das famílias mencionadas, o tronco Tupí é integrado também pelas línguas Awetí, Mawé (Sateré) e Puruborá, as quais não se filiam imediatamente a nenhuma família em particular (ou, o que no fundo é a mesma coisa, são membros únicos de três famílias adicionais).

Até agora tanto o Awetí quanto o Mawé vinham sendo incluídos na família Tupí-Guaraní (Rodrigues 1958a, b, 1971). O me-

lhor conhecimento de ambos (para o Awetí v. Emmerich e Monserrat 1972, Monserrat 1976; para o Mawé vários manuscritos de A. e S. Graham, Summer Institute of Linguistics, Brasília), deixa claro, entretanto, que são tão aberrantes, cada um a sua maneira, em relação a todas as outras línguas incluídas naquela família, que sua associação com elas deve ser procurada num outro plano. Sua exclusão da família Tupí-Guaraní permite ter nesta um conjunto consideravelmente homogêneo de línguas, cuja comparação em detalhe pode ser realizada mais abrangentemente em todos os aspectos da estrutura lingüística, o que por sua vez permite empreender a reconstrução da respectiva proto-língua a partir de uma base mais sólida. Por outra parte, a inegável maior afinidade que o Awetí e o Mawé mostram com a família Tupí-Guaraní deve levar à postulação de (pelo menos) uma proto-língua intermediária entre o Proto-Tupí e o Proto-Tupí-Guaraní, a menos que as características tupí-guaraní de qualquer deles se revele resultante de um processo de contacto lingüístico (o Mawé apresenta acentuada influência lexical da Língua Geral Amazônica, que deve ter-se desenvolvido nos séculos XVII, XVIII e XIX, mas não é seguro que suas outras características tupí-guaraní sejam tão recentes; o Awetí, por sua vez, mostra influência lexical do Kamayurã, mas ainda não é possível avaliar as relações históricas entre esses dois idiomas tupí que foram encontrar-se no Alto Xingu).

As línguas da família Tupí-Guaraní compartilham um grande número de propriedades, tanto de estrutura como de léxico. Destas seleciono algumas como diagnósticas não só para efeito de inclusão de uma língua na família, mas também para exclusão de línguas geneticamente aparentadas, porém em nível mais remoto:²

(a) Prefixos marcadores de sujeito comuns aos verbos intransitivos e transitivos em orações independentes, incluindo formas iguais a, ou deriváveis fonologicamente de: a- 'eu', ere- 'você', ja- 'eu e você', oro- 'eu e ele', pe- 'você e ele', o- 'ele, eles' (também 'eu, você e ele').

(b) Pronomes pessoais exprimindo possuidor, sujeito de verbos descritivos e objeto direto, assim como sujeito de verbos intransitivos em orações dependentes, incluindo formas iguais a, ou deriváveis fonologicamente de: (i)txé 'eu', (e)né 'você', jané 'eu e você', oré 'eu e ele', pe('ẽ) 'você e ele' (também atxé 'eu, você e ele').

(c) Prefixos relacionais incluindo r-, que assinala que o determinante da palavra prefixada é a palavra que a precede imediatamente, aplicável a uma classe de palavras que inclui 'olho', 'rosto', 'lábio inferior', 'sangue', 'corpo', 'folha', 'casa', 'nome'; p. ex., Tupinambã payé r-esá 'olho do pajé', xe r-esá 'meu olho').

(d) O fonema j (ou equivalentes álveo-palatais ou alveolares: tx, dj, ñ, z) em palavras como jatxý 'lua', jakú 'jacu', jy 'machado', jurú 'boca', ajurú 'papagaio', ja'ẽ 'vasilha de barro', kujã 'mulher', júb 'amarelo', pajé 'xamã', pejú 'soprar'.

(e) O fonema tx (ou ts, s, h ou zero) em palavras como txý 'mãe', txók 'larva', -txu'ũ 'morder, mastigar', -watxũ, -utxũ 'grande', -ubitxáb 'grande, importante, chefe', txãm 'corda', -etxã 'olho', txo'ó 'animal de caça'.

(f) O fonema ts (ou s, h, ou zero) em palavras como tsõ 'ir', tsetã 'são muitos', otsenũb 'ele o ouve', pytsatsú 'novo', potsãng 'remédio', pytsýk 'pegar', pytsã- 'noite'.

(g) As palavras itã 'pedra' e eír 'mel, abelha' com i (e não wi, nem kwi ou ky).

(h) Vocabulário básico incluindo formas deriváveis fonologicamente de: jatxý 'lua', ybāk 'céu', -atā 'fogo', jepe'āb 'lenha', ybyrā 'pau', -apō 'raiz', ka'ā 'mato', -etxā 'olho', tĩ 'nariz, bico', jurū 'boca', namí 'orelha', jybā 'braço', poti'ā 'peito', -etymā '(canela da) perna', -o'ō 'carne', abā 'pessoa, quem?', ma'é 'coisa, que?', pirā 'peixe', wyrā 'ave', kuyā 'mulher', pukú (comprido', porāng 'bonito', -obý 'verde/azul', pēb 'baixo, chato, plano', mokōy 'dois', manō 'morrer', me'ēng 'dar', je'ēng 'falar', apō 'fazer', atā 'andar', -epjāk 'ver', ma'ē 'olhar'.

(i) A palavra petým (e não pé) 'fumo, tabaco' (literalmente 'tabaco plantado').

Esse conjunto de características poderia ser ampliado, mas mesmo assim restrito parece suficiente para a identificação de qualquer língua como membro da família Tupí-Guaraní, assim como para a exclusão de quaisquer outras línguas. Uma enumeração ampla, ainda que não exaustiva, das línguas que constituem a família Tupí-Guaraní é a seguinte: Amanayé, Anambō, Apiakā, Araweté, Asuriní do Tocantins (Akuáwa), Asuriní do Xingu, Avá (Canoeiro), Chiriguano (Ava), Eméरण, Guajá, Guajajāra, Guaraní Antigo, Guaraní Paraguaio, Guarayo (Guarayū), Guayakí (Achē), Horá (Jorā), Izocéño (Chané), Kaiwā (Kayová, Pāi), Kamayurā, Kayabí, Kokāma, Kokamíya (Cocamilla), Língua Geral Amazônica (Nheengatū), Língua Geral Paulista (Tupí Austral), Mbyā (Guaraní), Ñandéva (Txiripā), Omāgua, Parakanā, Parintintín, Sirionó, Suruí (Mujetire), Takunyapé, Tapieté, Tapirapé, Tembē, Tupí-Kawahíb (Tupí do Machado, Pawatē, Wiraféd, etc.), Tupinambā, Turiwāra, Urubū, Wayampí, Wayampipukú, Xetā (Serra dos Dourados).

Dentro desse conjunto de umas quarenta línguas tupí-guaraní podem distinguir-se subconjuntos segundo o compartilhamento de certas propriedades mais específicas, que podemos estabelecer com referência ao Proto-Tupí-Guaraní. As propriedades escolhidas são basicamente fonológicas e sua seleção se deve essencialmente à experiência pessoal do autor na observação comparativa das línguas desta família, mas também ao fato de que são propriedades mais facilmente identificáveis nos dados presentemente disponíveis³. Outras propriedades fonológicas e grande parte das propriedades gramaticais e lexicais não podem ainda ser utilizadas comparativamente para todo esse amplo conjunto de línguas, devido à insuficiência da documentação. Por exemplo, o item lexical para 'morcego' confirma a distinção entre os subconjuntos I e II: tanto no Guaraní Antigo, quanto em línguas Guaraní modernas, como o Guaraní Paraguaio, o Mbyá e o Xetá, o morcego é designado por mopí, ao passo que no Guarayo é anyra, termo que corresponde^a anyrá usado no Tupinambá do subconjunto III, no Tembê do subconjunto IV e no Parintintín do subconjunto V; anyrá ocorre também em Guaraní, mas aí designa uma espécie de pássaro, situação inversa à do Guarayo, onde mopí é que é nome de pássaro. Entretanto, ainda não é possível acompanhar a distribuição desses dois nomes em todo o domínio Tupí-Guaraní.

São os seguintes os sete subconjuntos propostos aqui tentativamente:

Subconjunto I

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) perda das consoantes finais;
- (b) conservação de *tx ou sua mudança em ts ou s;
- (c) mudança de *ts em h ou zero;

(d) mudança de *pw em kw ou k;

(e) mudança de *pj em tx ou x.

Línguas e/ou dialetos:

Guaraní Antigo

Mbyã

Xetã (Serra dos Dourados)

Ñandêva (Txiripã)

Kaiwã (Kayovã, Pãi)

Guaraní Paraguaio

Guayakí (Achê)

Tapietê

Chiriguãno (Ava)

Izoceño (Chanê)

Exemplos: (a) PTG *aipotār 'eu o quero', Mbyã aipotã; (b) PTG *jatxý 'lua', Mbyã djatxý; (c) PTG *otsô 'ele vai', Guaraní Antigo ohô, Mbyã oô; (d) PTG *opwerâb 'ele se recupera', Mbyã okwerã; (e) PTG *atsepjāk 'eu o vejo', Mbyã aetxã.

Subconjunto II

Características mais gerais em relação ao PTG:

(a) perda das consoantes finais;

(b) fusão de *tx e *ts, ambos manifestos por ts ou s;

(c) mudança de *pw em kw ou k;

(d) conservação de *pj;

(e) deslocamento do acento da última para a penúltima sílaba da palavra.

Línguas e/ou dialetos:

Guarayo (Guarayú)

Sirionô

Horã (Jorã)

Exemplos: (a) PTG *aipeték 'eu bato nele', Guarayo aipēte;
 (b) PTG *jatxý 'lua', Guaravo jãtsy; PTG *otsō 'ele vai', Gua-
 rayo ôtso; (c) PTG *apweráb 'eu me recupero', Guarayo akwéra,
 Sirionō akéra; (d) PTG *atsepjāk 'eu o vejo', Guarayo atsépja;
 (e) PTG *pirã 'peixe', Guarayo pĩra.

Subconjunto III

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) conservação das consoantes finais;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos manifestos como ts ou s;
- (c) conservação de *pw;
- (d) conservação de *pj;
- (e) conservação do acento.

Línguas e/ou dialetos:

Tupinambã

Língua Geral Paulista (Tupí Austral)

Língua Geral Amazônica (Nheengatú)

Kokãma

Kokamíya (Cocamilla)

Omãgua

Exemplos: (a) PTG *aipotár 'eu o quero', Tupinambã aipotár;
 (b) PTG *jatxý 'lua', Tupinambã jasý; PTG *otsō 'ele vai',
 Tupinambã osō; (c) PTG *opweráb 'ele se recupera', Tupinambã
 opweráb; (d) PTG *atsepjāk 'eu o vejo', Tupinambã asepjāk;
 (e) PTG *pirã 'peixe', Tupinambã pirã.

Subconjunto IV

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) conservação das consoantes finais, com ou sem modifi-
 cações;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h;

- (c) mudança de *pw em kw;
- (d) mudança de *pj em tx ou ts;
- (e) mudança de *j em tx, ts, s ou z.

Línguas e/ou dialetos:

Tapirapé

Avã (Canoeiro)

Asuriní do Tocantins (Akuáwa)

Suruí do Tocantins (Mujetíre)

Parakanã

Guajajára

Tembé

Exemplos: (a) PTG *okér 'ele dorme', Tembé okér, Asuriní do Tocantins ôken, Parakanã oken; (b) PTG *jatxý 'lua', Tembé zahý, Asuriní do Tocantins txahýa, Parakanã txaýa, Tapirapé txãhý; PTG *otsô 'ele vai', Tembé ohô, Asuriní do Tocantins âha; (c) PTG *opwerâb 'ele se recupera', Tembé okwerâw; (d) PTG *atsepjâk 'eu o vejo', Tembé aetsâk, Asuriní do Tocantins aêtxang; (e) PTG *jakaré (jacaré', Tembé zakaré, Asuriní do Tocantins txakare, Tapirapé txãkãré.

Subconjunto V

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) conservação das consoantes finais;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h ou zero;
- (c) mudança de *pw em f (bilabial);
- (d) mudança de *pj em s;
- (e) mudança de *j em dj;
- (f) marcas pronominais de 3a. pessoa masculina, feminina e plural.

Línguas e/ou dialetos:

Kayabí

Asuriní do Xingu

Arawetê (?)

Exemplos: (a) PTG *akêr 'eu durmo', Kayabí aset, Asuriní do Xingu akit; (b) PTG jatx̄y 'lua', Asuriní do Xingu djahy; PTG *otsô 'ele vai', Kayabí oô, Asuriní do Xingu aha; (c) PTG *tse-apwên (ou *tsyapwân) 'cheira bem', Asuriní do Xingu heafen; PTG *-akypwêr 'parte de trás', Kayabí -akyfêr-a 'rastros'; (d) PTG *otsepjāk 'ele o vê', Kayabí wesák, Asuriní do Xingu oesak; (e) PTG *jakaré 'jacaré', Kayabí jakaré, Asuriní do Xingu djakaré; (f) Kayabí 'nga p̄y 'pê dele' (homem falando), k̄ia p̄y 'pê dele' (mulher falando), êê p̄y 'pê dela' (h. f.), k̄yna p̄y 'pê dela' (m. f.), 'ngã p̄y 'pês deles, delas' (h. f.), wã p̄y 'pês deles, delas' (m. f.).

Subconjunto VI

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) conservação das consoantes finais;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h;
- (c) mudança de *pw em kw (Parintintín, Apiakã) ou em fw, f (Tupí-Kawahíb);
- (d) conservação de *pj;
- (e) conservação de *j;
- (f) marcas pronominais de 3a. pessoa masculina, feminina e plural comuns ao homem e à mulher.

Línguas e/ou dialetos:

Parintintín (Kagwahíb)

Tupí-Kawahíb (Tupí do Machado, Pawatê, Wirafêd, etc.)

Apiakã (?)

Exemplos: (a) PTG *akér 'eu durmo', Parintintín akír; (b) PTG *jatxý 'lua', Parintintín jahý; PTG *otsō 'ele vai', Parintintín ohō; (c) PTG *tseapwén 'cheira bem', Parintintín heakwén; PTG *-akypwér 'parte de trás', Parintintín -akykwér-i 'na ausência'; (d) PTG *-epjāk 'ver', Parintintín -epiag; (e) PTG *jakaré 'jacaré', Parintintín jakaré; (f) Parintintín ga pý 'pé dele', hē pý 'pé dela', nga pý 'pés deles, delas'.

Subconjunto VII

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) conservação das consoantes finais;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h ou zero;
- (c) mudança de *pw em hw ou h;
- (d) mudança de *pj em ts;
- (e) conservação de *j.

Língua:

Kamayurá

Exemplos: (a) PTG *akér 'eu durmo', Kamayurá akét; (b) PTG *jatxý 'lua', Kamayurá jaý; PTG *otsō 'ele vai', Kamayurá ohō; PTG *pytsatsú 'novo', Kamayurá pyaú; (c) PTG *-pwār 'amarrar', Kamayurá -hwat; (d) PTG *-epjāk 'ver', Kamayurá -etsāk; (e) PTG *jakaré 'jacaré', Kamayurá jakaré.

Subconjunto VIII

Características mais gerais em relação ao PTG:

- (a) perda parcial das consoantes finais;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h ou zero;
- (c) mudança de *pw em kw;
- (d) mudança de *pj em s;
- (e) conservação de *j.

Línguas e/ou dialetos:

Takunyapé

Wayampí (Oyampi)

Wayampipukú

Emérillon

Amanayé

Anambé

Turiwára

Guajá

Urubú

Exemplos: (a) PTG *akér 'eu durmo', Urubú akér, Wayampí áke; PTG *potýr 'flor', Urubú putýr, Wayampí pōty, Wayampipukú potyr; (b) PTG *jatxý 'lua', Urubú jahý, Wayampí jây; PTG *otsō 'ele vai', Urubú ohō, Wayampí ōo; (c) PTG *-pwār 'amarrar', Wayampí -kwa; PTG *-pōpwār 'amarrar as mãos', Urubú pukwār 'amarrar'; (d) PTG *-epjāk 'ver', Urubú -sak, Wayampí -ēsa 'achar'; (e) PTG *jakaré 'jacaré', Urubú jakaré, Wayampí jakāre.

No subconjunto I temos uma língua documentada já há 350 anos, o Guaraní Antigo da Província de Guairã (Ruíz de Montoya 1639, 1640) e do rio Uruguai (Aragona 1979), e as diversas variedades do Guaraní moderno, nenhuma das quais se pode afirmar que seja a continuação direta daquela. Fora o Guaraní Paraguaio, cujo uso se generalizou no Paraguai e no nordeste da Argentina durante o período colonial, o candidato mais provável a descendente do Guaraní Antigo parece ser o Ñandêva (Txiripã, Apapokúva). O Mbyá mantém ainda hoje um traço fonológico mais conservador que o traço correspondente do Guaraní Antigo - o fonema tx, oriundo do PTG *tx, o qual é ts no Guaraní Antigo. O Xetá da Serra dos Dourados no noroeste do Paraná, embora muito diferenciado em diversas propriedades fonológicas e lexicais, está, quanto a suas características diagnósticas, ligado mais intimamente ao Mbyá (Xetá ne txó 'morderam-te', Mbyá ne txu'ú, mas Kaiwã ne su'ú, Guaraní Antigo ne tsu'ú). Já o Chiriguãno mais provavelmente separou-se de um ancestral comum ao Mbyá e ao Guaraní Antigo, portanto algum tempo antes da documentação deste último. O Izoceño é um dialeto do Chiriguãno falado por descendentes dos índios Chané, originalmente de língua da família Aruák. O mesmo se dá com o Tapieté, falado

por um povo chaquenho provavelmente de origem Matãko. O Guayakí (Achê), mais fortemente alterado na sua estrutura gramatical, coparticipa das propriedades diagnósticas deste subconjunto, aproximando-se mais particularmente do Mbyã (Guayakí txu'ú 'móder', Mbyã txu'ú; Guayakí pytx̄y 'pegar', Mbyã pytx̄y; Guayakí raã, rãa 'levar', Mbyã araã 'eu levo', etc.)

O subconjunto II, situado tão mais ao norte do subconjunto I, compartilha com este uma grande quantidade de propriedades, mas diferencia-se em alguns traços importantes. Os mais notáveis destes são a não transformação de *ts em h e a não mudança de *pj em tx, conservadorismos que o Guarayo e o Sirionó têm em comum só com o geograficamente longínquo subconjunto III, em que se incluem o Tupinambã da costa atlântica e o Kokâma do alto Amazonas (PTG *otsó 'ele vai', Guarayo ôtso, Sirionó ôso, Tupinambã osó, Kokâma útsu, em contraste com o Guaraní Antigo ohó, Chiriguãno ôho, Mbyã oó; PTG *-epjāk 'ver', Guarayo -épja, Sirionó -éa [proveniente intermediariamente de *-épa, com queda regular de p], Tupinambã -epjāk, em contraste com o Guaraní Antigo -etxág, Chiriguãno -éxa, Mbyã -etxá). O Sirionó, embora fortemente alterado a ponto de justificar a hipótese que reiteradamente tem sido levantada de tratar-se de língua falada por um povo originalmente não Tupí, que teria sido guaranizado, revela-se mais imediatamente ligado ao Guarayo, fato que casa bem com a situação geográfica dos dois. O Horá é o dialeto mais setentrional do Sirionó.

No subconjunto III, além do Tupinambã documentado nos séculos XVI e XVII (Staden 1557, Léry 1578, Anchieta 1595, Araujo 1618, etc.), acrescento as duas línguas gerais, que são

suas descendentes diretas: a Paulista, que é o "Tupí Austral" de Martius (1867:99-122), e a Amazônica ou Nheengatú, melhor conhecida que aquela e ainda hoje falada (Magalhães 1876, Tattavin 1910, Stradelli 1929, Silva 1961, etc.). Acrescento também o Kokâma (com o qual o Kakamiya e o Omâgua são quase idênticos) porque este, apesar de fortemente diferenciado em sua gramática, é diretamente derivável de formas como as do Tupinambã (por exemplo, Kokâma tsairi 'raiado', Tupinambã sa'ír 'está raiado'; Kokâma tsüni 'ser preto', Tupinambã sün 'é preto'; Kokâma jätsy 'lua', Tupinambã jasy; Kokâma jáu 'chaga', Tupinambã ja'ó, etc.). Como o Kokâma apresenta certas propriedades importantes não Tupí, dá a impressão de tratar-se de mais um caso de língua Tupí-Guaraní adotada por um povo não Tupí. Um dos fatos mais interessantes do Kokâma a esse respeito é que ele tem diferentes pronomes pessoais segundo o sexo do falante, e em dois casos o pronome dos homens é não Tupí, ao passo que o pronome das mulheres é correlacionável com o Proto-Tupí-Guaraní (e, portanto, com o Tupinambã): 'eu σ^1 ' é ta (não Tupí), mas 'eu φ ' é étse (PTG *itsé, Tupinambã isé); 'ele/ela σ^1 ' é úri (não Tupí), mas 'ele/ela φ ' é ái (PTG *a'é, Tupinambã a'é 'esse de que você fala'). Os pronomes referentes ao interlocutor têm uma só forma para os dois sexos, e essa é Tupí-Guaraní: 'você' éne (Tupinambã ené), 'nós inclusivo (eu e você)' ini (Tupinambã yané), 'vocês' épe (Tupinambã pē, pe'ē). Para 'nós exclusivo' há também duas formas, mas nenhuma delas é de origem Tupí: tãnu σ^1 , pēnu φ , em contraste com PTG *orē, Tupinambã orē.

Foi levantada a hipótese de que os Kokâma seriam um povo Tupí-Guaraní oriundo do Baixo Amazonas, o qual teria migrado para o Alto Amazonas. A língua Kokâma não pode ser imediata-

mente associada nem com as línguas do subconjunto VIII, que mais propriamente poderia ser considerado como baixo-amazônico (ao contrário desse subconjunto o Kokâma não mudou *tx e *ts em h ou zero: Kokâma jâtxy 'lua', mas Turiwâra jahỹ, Amanajê jahỹ, Wayampí jây; Kokâma kwarâtxi 'sol', Turiwâra kwarahỹ, Amanajê kwarahỹ, Wayampí kwarây), nem com as línguas dos subconjuntos IV (Tocantins-Araguaia), V (Médio Xingu) e VI (Tapajós-Madeira) (Tembé zahỹ e kwarahỹ, Asuriní do Xingu djahỹ e kwarahỹ, Parintintín jahỹ e kwarahỹ). Ela compartilha mais propriedades fonológicas com o Tupinambã: além do Tupinambã jasy 'lua' e kwarasy 'sol', considere-se também a manutenção da articulação labial em Kokâma tsakapỹry 'depois de' e Tupinambã sakypwéri 'atrás dele', provenientes do PTG *tsakypwéri, em contraste com o Parintintín hakykwéri 'em sua ausência', o Tembé haykwé-pe, haykwér-amo 'atrás dele', etc., em que a consoante labial *p do PTG foi substituída pela consoante velar k diante de w.

Se o Kokâma tivesse evoluído mais ou menos independentemente de maiores interferências de línguas não Tupí-Guaraní, ele deveria ser considerado como mais afim ao Tupinambã, mas mais conservador que este quanto a pelo menos uma propriedade do Proto-Tupí-Guaraní, pois ele apresenta sistematicamente ts (ou tx diante de i) como reflexo de *tx e *ts, enquanto que o Tupinambã tem s (ou x depois de i). Entretanto, como há fortes indicações de que o Kokâma deve ter resultado da interação entre uma língua Tupí-Guaraní e uma língua de outra filiação (ainda não identificada), é possível que ts (e tx) tenham substituído s (e x) por serem fonemas existentes nessa outra língua (note-se, entretanto, que o Omãgua (Tessmann

1930) apresenta s e x: jãse 'lua', koarãxi 'sol'). Assim sendo, não deve desprezar-se a possibilidade de que o Kokãma resulte da migração de um povo que falasse uma língua muito mais próxima do Tupinambã.

No subconjunto IV reúnem-se o Tapirapê e o Asuriní do Tocantins, que além dos traços fonológicos mencionados acima têm outros em comum, e o Guajajára e o Tembê, que são praticamente dois dialetos de uma mesma língua. Incluo também o Avã ou Canoeiro: registro feito há poucos anos (1974) por Harrison (ms.) de uma amostra de sua língua, embora limitado, é suficiente não só para sugerir sua associação com este subconjunto, mas sobretudo para rejeitar a velha hipótese segundo a qual os Avã seriam descendentes de índios Karijô levados de São Paulo a Goiás por uma bandeira. A manutenção sistemática das consoantes finais exclui a possibilidade de tratar-se de uma língua do subconjunto I (Guaraní): PTG *okér 'ele dorme', Avã ôker, Asuriní do Tocantins ôken, mas Guaraní oké; PTG *amã 'chuva', Avã âman, Asuriní do Tocantins âmyn, mas Guaraní amã; PTG *maní'ôka 'mandioca', Avã mãniôka, Asuriní do Tocantins mani'ãnga, mas Guaraní mani'ô; PTG *jawār 'onça', Avã txāwar 'cachorro', Asuriní do Tocantins txawar-, mas Guaraní djagwã; PTG *jepe'ãb 'lenha', Avã txepōaw, mas Guaraní djjepe'ã.

Além da manutenção das consoantes finais (e também do sufixo nominativo -a, que se vê acima em mãniôka e que aparece também em outros nomes, como mbôya 'cobra', ôka 'casa'), o Avã tem em comum com o Asuriní do Tocantins e o Tapirapê também a mudança de *j em tx (Tapirapê txāwārã 'cachorro', txepe'ãwã 'lenha') e com o mesmo Asuriní o deslocamento do acento para a esquerda, fatos fonológicos pelos quais também

se distingue do Guaraní (particularmente dos dialetos orientais do Guaraní, entre os quais se acharia o Karijõ; os dialetos ocidentais, do Chaco boliviano, como o Chiriguãno, também apresentam o acento deslocado para a esquerda). Enquanto no Guaraní *tx do PTG é tx, ts ou s (conforme o dialeto: Mbyã djatx̄y, Guaraní Antigo jats̄y, Guaraní Paraguaio djas̄y), no Avã ele se converte em zero, oriundo de h, como em Asuriní do Tocantins e em Tapirapê: Avã txāy 'lua', Asuriní do Tocantins txahy-, Tapirapê txāh̄y.

A suposição de que a língua dos Canoeiro ou Avã seria um dialeto Guaraní e confirmaria a hipótese de que os Canoeiros seriam descendentes de Karijõ fugidos para o sertão foi manifestada primeiro por Couto de Magalhães em 1863, ao publicar umas cinquenta palavras daqueles índios (Magalhães 1946:100-101); depois foi rerepresentada por Nimuendajú (1914) e por Rivet (1924), com base nos mesmos dados de Couto de Magalhães. Visto que mais de cem anos se passaram do registro de Couto de Magalhães até o (re)descobrimento dos atuais Avã e o registro de Harrison, poderia pensar-se que talvez os Canoeiros referidos no século passado não sejam os mesmos que os atuais Avã. Um confronto da lista de palavras de Couto de Magalhães com a de Harrison fala, entretanto, em favor de uma identidade. Também em Couto de Magalhães aparecem palavras mantendo as consoantes finais e o sufixo nominativo: arã 'sol' (Harrison ār), ocã 'casa' (Harrison ôka), uvã 'flecha' (cf. Asuriní do Tocantins o'ywa). Para a 'banana' o Avã (Harrison) tem um nome que não se encontra em outras línguas: maēapar (o que significa literalmente 'coisa recurvada'); pois esse mesmo nome já aparece

na lista de Couto de Magalhães: manapary (em que n deve ser erro tipográfico por e). Também o nome para 'machado' tem uma forma característica no Avã atual, txywâr (da raiz PTG *jý), a qual igualmente já se encontra naquela velha lista: dgigua (uma aproximação gráfica de djywã(r)). Concluimos que a língua dos Canoeiro de Couto de Magalhães era essencialmente a mesma que a dos atuais Avã, a qual é nitidamente distinta dos dialetos Guaraní, entre os quais se situaria a língua dos antigos Karijõ.

Uma outra hipótese que poderia ser aventada é a de que os Karijõ incorporados às bandeiras nos séculos XVII e XVIII não falassem mais seu dialeto Guaraní, mas usassem a Língua Geral Paulista ("Tupí Austral"), a qual, como vimos, descendia do Tupinambã. Esta hipótese não encontra, porém, apoio nos dados fonológicos e lexicais, que não permitem identificar os Avã como falantes de uma língua vinculada diretamente ao Tupinambã. Note-se também que a ocorrência de um novo nome descritivo para a 'banana' (ma'eapar 'coisa recurvada') e a ausência do nome (comparativo) dado pelos Tupinambã a essa fruta importada (pakóbã) parecem confirmar que os Avã não representam uma tradição Tupinambã ou de Língua Geral.

No subconjunto V pusemos o Kayabí, o Asuriní do Xingu e, tentativamente (por falta de dados), o Araweté. Esta associação do Asuriní do Xingu com o Kayabí se funda sobretudo no compartilhamento de *pj → s e de *pw → f e na presença em Asuriní do Xingu do pronome ga 'ele' (possivelmente também e 'ela', mas traduzido por 'ele' nos poucos exemplos disponíveis, Nicholson 1982), que corresponde ao Kayabí nga 'ele'

(e *ẽẽ* 'ela'). Estas línguas são únicas em compartilhar essas três propriedades. *pw → f ocorre também em parte do subconjunto VI (no Tupí-Kawahíb, mas não no Parintintín nem no Apiakã), mas aí não ocorre *pj → s. Os pronomes de 3a. pessoa, masculino, feminino e plural, ocorrem também no subconjunto VI, inclusive no Parintintín; mas, enquanto neste último há um só conjunto de pronomes de 3a. pessoa (ga 'ele', hẽ 'ela', nga 'eles, elas'), no Kayabí há dois conjuntos paralelos, um para os falantes de cada sexo (nga 'ele', ẽẽ 'ela', ngã 'eles, elas' usados por pessoas do sexo masculino e kĩa 'ele', kÿna 'ela', wã 'eles, elas' usados por pessoas do sexo feminino). O subconjunto V difere do subconjunto IV não só pela inexistência neste de pronomes de 3a. pessoa com distinção de sexo e número e pelo diferente tratamento de *pw (kw em IV, mas f em V) e de *j (tx, ts, ou z em IV, mas dj em V), mas também por outras diferenças fonológicas (p. ex., o Kayabí e o Asuriní do Xingu não nasalizam as consoantes finais, ao contrário do que faz o Asuriní do Tocantins e, em parte, o Tapirapé: A. X. hakop 'está quente', A. T. hakom; A. X. omonyk 'ele sopra o fogo', A. T. omonyng; A. X. opotat 'ele o quer', A. T. opotan, Tapirapé apatã). Por outra parte, há alguns fenômenos fonológicos que são comuns especificamente ao Asuriní do Xingu (não ao Kayabí) e a línguas do subconjunto IV (p. ex., o abaixamento das vogais posteriores do PTG, mudando *u em o e mudando *o em a; enquanto o abaixamento de *u é geral nessas línguas, o de *o → a é geral no Tapirapé, mas se limita às sílabas acentuadas orais em Asuriní do Tocantins e Asuriní do Xingu:

PTG *ajurú 'papagaio', Tapirapé ãtxoró, A. T. atxoro-hoa, A. X. ajoro-a; PTG *põ 'mão', Tapirapé pã, A. T. pa, A. X. pa; PTG *opotâr 'ele o quer', Tapirapé apatãn, A. T. opotan, A. X. opotat.

O subconjunto VI está constituído pelo Parintintín e pelo grupo de dialetos conhecido como Tupí-Kawahíb, Tupí do Machado ou Paranawât, assim como pelo Apiakã. O Parintintín é praticamente idêntico às línguas dos Juma e dos Tenharím. Na fonologia são muito semelhantes as línguas do subconjunto VI, mas o Apiakã apresenta z em todas as ocorrências de *j do PTG diante de vogal, e o Tupí-Kawahíb tem f (bilabial) como reflexo do PTG *pw, ao passo que o Parintintín e o Apiakã têm kw: Tupí-Kawahíb kvféra 'atrás' (Rondon e Faria 1948), Parintintín -akykwéri 'ausência', oriundos de *-akypwéra e *-akypwéri, respectivamente; Tupí-Kawahíb fã 'dedo' (Koch-Grünberg 1932), de *pwã (neste caso o Parintintín não tem kwã como, p. ex., o Guaraní, mas puã, provavelmente por influência da palavra põ 'mão'). Em Tupí-Kawahíb também *p muda em f diante de u: fukã 'rir' (Rondon e Faria 1948), de *pukã, Parintintín pukã.

O subconjunto VII difere dos subconjuntos V e VI especialmente por não ter desenvolvido a série de formas pronominais para a 3a. pessoa, para distinguir masculino, feminino e plural. Fonologicamente são muito semelhantes, o que levou Nimuendajú (1948:313) a declarar que o Kayahí, o Apiakã, o Kawahíb e o Kamayurã diferem muito pouco. Entretanto, este último difere das línguas dos subconjuntos V e VI também no tratamento das seqüências de fonemas *pw e *pj do PTG. No Kamayurã o *p foi substituído por h diante de w, o

que se deu também diante de u: Kamayurã hwã 'mão' (proveniente de *pwã 'dedo'), hwerãp 'ressuscitar' (de *pwerãb 'recuperar-se'), hukũ 'comprido' (de *pukũ) (cf. Parintintín puã, kwerãp, pukũ).

Por fim, o subconjunto VIII se distingue do subconjunto VII principalmente pela perda das consoantes finais e pela mudança de *pw em kw. O Wayampí, o Wayampipukũ e o Emérillon, embora estabelecidos no Amapã e na Guiana Francesa, migraram em tempos históricos para essa área ao norte do rio Amazonas, seguindo o vale do rio Jari; no século XVII achavam-se índios Wayampí ainda no baixo Xingu (Métraux 1927, Nimuendajú 1980). Os Urubũ e Guajã, hoje no Maranhão, possivelmente se situaram mais a oeste nos séculos passados.

A perda das consoantes finais do PTG afeta essas línguas em diferentes graus. O Wayampí perdeu sistematicamente todas as consoantes finais, ao passo que o Wayampipukũ conservou regularmente a consoante r e perdeu as demais; já o Urubũ perdeu em regra sã a bilabial *b e a velar *ng, tendo conservado todas as outras consoantes: PTG *kỹb 'piolho', Wayampí ky, Wayampipukũ ky, Urubũ ky; PTG akãng 'cabeça', Wayampí akã, Wayampipukũ akã, Urubũ akã; PTG *pětým 'fumo', Wayampí pětỹ, Wayampipukũ pětỹ, Urubũ pytým; PTG *maní'ók 'mandioca', Wayampí maní'o, Wayampipukũ maní'o, Urubũ mani'ók; PTG *pírwx 'pele tirada do corpo', Wayampí pĩre 'pele', Wayampipukũ pĩrer, Urubũ pĩrẽr.

Os subconjuntos acima delineados constituem não propriamente uma classificação interna da família lingüística Tupi-Guaraní, mas antes um ensaio de discriminação de seções dessa família caracterizadas pelo compartilhamento de algumas propriedades lingüísticas, as quais podem servir para diagnosti-

car o desmembramento de todo o conjunto de línguas Tupí-Guaraní visto como resultante histórico de uma proto-língua pré-histórica. Embora uma melhor caracterização desses subconjuntos requeira o recurso a maior número de propriedades lingüísticas, gramaticais e lexicais, acredito que, enquanto não se faz um acúmulo maior de dados e não se elaboram mais detalhes, o quadro aqui delineado permite tanto entrever algumas afinidades maiores que podem ou não correlacionar-se com afinidades estabelecidas por critérios não lingüísticos, quanto pôr em questão algumas hipóteses gerais ou particulares presentes na literatura sobre a história e a pré-história dos povos Tupí-Guaraní. Este é o caso de hipóteses tais como a da origem Karijõ (Guaraní) dos Avã (Canoeiros) (Rivet 1924), a da origem Tamõyo (Tupinambã) dos Tapirapẽ (Kissenberth 1916, Métraux 1927), a da origem Tupinambã dos Kawahíb e dos Urubũ (Kracke 1978:7), ou a da origem Guaraní dos Guarãvo (Métraux 1942:96) e dos Sirionõ (Holmberg 1969:10-11).

Também as propostas de classificação das línguas e povos Tupí-Guaraní baseadas em hipotéticos movimentos migratórios pré-históricos, como as de Loukotka (1950) e Susnik (1975), podem ser confrontadas com o desmembramento em subconjuntos aqui sugerido e questionadas quanto a sua compatibilidade com a distribuição das propriedades lingüísticas aqui consideradas.

Notas

1. Algumas reconstruções de palavras do Proto-Tupí publiquei em Hanke, Swadesh e Rodrigues 1958; algumas outras em Rodrigues 1966 e 1980.

2. Para facilitar a composição tipográfica, evita-se neste trabalho o emprego de alguns símbolos fonéticos não disponíveis. Para tanto, adotaram-se as seguintes convenções: y é usado para a vogal alta central não arredondada; j para o i assilábico, assim como para a fricativa alveo-palatal sonora; dj para a africada alveo-palatal sonora; x para a fricativa alveo-palatal surda; ts para a africada alveolar surda; tx para a africada alveo-palatal surda; ng para a nasal velar; b para a fricativa bilabial sonora; f para a fricativa bilabial surda; ' para a oclusiva glotal. Um asterisco (*) marca, como é usual, fonemas e palavras reconstruídos de uma proto-língua.

3. Algumas dessas propriedades já foram utilizadas em ensaio que elaboramos com Miriam Lemle em 1966-1967 (Lemle 1971), no qual foi feita a reconstrução de apreciável número de palavras do Proto-Tupí-Guaraní, mas com base num número bem menor de línguas.

Bibliografia

- Anchieta, Joseph de. 1595. Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil. Coimbra. (Tupinambã).
- Aragona, Alonso de. 1979. Breve introducción para aprender la lengua Guaraní. Presentación, edición y notas por Bartomeu Meliã. Amerindia, Revue d'Ethnolinguistique Amérindienne. 4:23-61. (Guaraní Antigo).
- Araujo, Antonio de. 1618. Catecismo na lingua brasilica. Lisboa. (Tupinambã).
- Bendor-Samuel, David. 1972. Hierarchical structures in Guajajara. Norman: Summer Institute of Linguistics. (Guajajãra).
- Betts, LaVera. 1981. Dicionário Parintintín-Português, Português-Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Parintintín).
- Boudin, Max H. 1963. O simbolismo verbal primitivo: análise estruturalista de um dialeto tupi-guarani. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente. (Tembé).
- . 1966. Dicionário de Tupi moderno (dialeto tembé-tênêthêhar do alto Gurupi). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente. (Tembé).
- Bridgeman, Loraine I. 1961. Kaiwa (Guarani) phonology. International Journal of American Linguistics 27:329-34. (Kaiwã).
- . 1981. O parágrafo na fala dos Kaiwã-Guaraní. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Kaiwã).
- Coudreau, Henri. 1892. Vocabulaires méthodiques des langues Ouayana, Aparai, Oyampi, Emérillon. Bibliothèque Linguistique Américaine 15. Paris. (Wayampí, Emérillon).
- . 1897. Voyage au Tapajoz. Paris. (Apiakã).

- Dobson, Rose. 1973. Notas sobre substantivos do Kayabí. *Série Lingüística* 1:30-56. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Kayabí).
- . 1976. Repetição em Kayabí. *Série Lingüística* 5:83-105. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Kayabí).
- Dooley, Robert A. 1982. Vocabulário do Guaraní: vocabulário básico do Guaraní contemporâneo (dialeto Mbũã do Brasil). Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Mbyã).
- Ehrenreich, Paul. 1895. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens, IV: Vocabulare der Guajajara und Anambé (Para). *Zeitschrift für Ethnologie* 27:163-8. (Guajajára e Anambé).
- Emmerich, Charlotte, e Ruth M. F. Monserrat. 1972. Sobre a fonologia da língua Awetí (Tupí). *Boletim do Museu Nacional, nova série, Antropologia* 25. Rio de Janeiro: Museu Nacional. (Awetí).
- Faust, Norma. 1959. O sistema fonêmico do Kokama. *Série Lingüística Especial* 1:10-75. Rio de Janeiro: Museu Nacional. (Kokáma).
- . 1972. Gramática Cocama: lecciones para el aprendizaje del idioma cocama. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano. (Kokáma).
- Firestone, Homer L. 1965. Description and classification of Sirionõ, a Tupí-Guaraní language. Haia: Mouton. (Sirionõ, Jorã, Chiriguãno).
- Gregores, Ema, e Jorge A. Suárez. 1968. Colloquial Guaraní. Haia: Mouton. (Guaraní Paraguaio).
- Hanke, Wanda, Morris Swadesh e Aryon D. Rodrigues. 1958. Notas de fonologia Mekens. *Miscellanea Paul Rivet* 2:187-217. México.

- Harrison, Carl H. 1971. The morphophonology of Asuriní words. Tupí Studies (D. Bendor-Samuel, ed.) 21-71. Norman: Summer Institute of Linguistics. (Asuriní do Tocantins).
- . 1975. Gramática Asuriní. Série Lingüística 4. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Asuriní do Tocantins).
- Hoeller, Alfredo. 1932a. Grammatik der Guarayo-Sprache. Guarayos (Dep. de S. Cruz de la Sierra)/Hall in Tirol. (Guarāyo).
- . 1932b. Guarayo-Deutsches Wörterbuch. Guarayos (Dep. de S. Cruz de la Sierra)/Hall in Tirol. (Guarāyo).
- Holmberg, Allan R. 1969. Nomads of the long bow: the Sirionó of Eastern Bolivia. Garden City: The Natural History Press.
- Jensen, Cheryl. (Em elaboração). Desenvolvimento histórico da língua Wayapí. Dissertação de mestrado, UNICAMP, Campinas. (Wayampí, Wayampipukú).
- Kakumasu, James Y. 1976. Gramática gerativa preliminar da língua Urubū. Série Lingüística 5:171-97. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Urubū).
- Kissenberth, Wilhelm. 1916. Beitrag zur Kenntniss der Tapirapé-Indianer. Baessler-Archiv VI, Heft 1/2. Leipzig/Berlim.
- Koch-Grünberg, Theodor. 1932. Wörterlisten "Tupy", Maué und Puruborã. Journal de la Société des Américanistes de Paris 24:31-50. (Tupí-Kawahíb).
- Kracke, Waud H. 1978. Force and persuasion: leadership in an Amazonian society. Chicago: The University of Chicago Press.
- Laraia, Roque de Barros, e Roberto da Matta. 1967. Índios e Castanheiros. São Paulo: Difusão Européia do Livro. (Suruí).
- Leite, Yonne F. 1977. Aspectos da fonologia e morfofonologia Tapirapé. Lingüística VIII. Rio de Janeiro: Museu Nacional. (Tapirapé).
- Léry, Jean de. 1578. Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique. La Rochelle. (Tupinambã).

- Loukotka, Āestmír. 1950. Les langues de la famille Tupi-Guarani. Boletim nº 16 de Etnografia e Língua Tupi-Guarani da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Magalhães, J. V. Couto de. 1876. O selvagem: I, Curso de língua geral segundo Ollendorf compreendendo o texto original de lendas tupis. II, Origens, costumes, região selvagem, ... Rio de Janeiro. (Língua Geral Amazônica).
- . 1946. Viagem ao Araguaia. São Paulo: Editora Nacional. (Avã).
- Martius, Karl Friedrich Ph. von. 1867. Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens. Band II: Zur Sprachenkunde. Leipzig. (Língua Geral Paulista).
- Mayntzhusen, F. C. 1919-1920. Die Sprache der Guayaki. Zeitschrift für Eingeborenen Sprachen 10:2-22. (Guayakí).
- Métraux, Alfred. 1927. Migrations historiques des Tupi-Guarani. Journal de la Société des Américanistes de Paris 19:1-45.
- . 1942. The native tribes of Eastern Bolivia and Western Matto Grosso. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 134. Washington, D. C.: Government Printing Office.
- Monserat, Ruth M. Fonini. 1976. Prefixos pessoais em Aweti. Lingüística III. Rio de Janeiro: Museu Nacional. (Awetí).
- Nicholson, Velda. 1978. Aspectos da língua Asuriní. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Asuriní do Tocantins).
- . 1982. Breve estudo da língua Asuriní do Xingu. Ensaio Lingüísticos 5. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Asuriní do Xingu, Asuriní do Tocantins).

- Nimuendajū, Curt. 1914a. Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocūva-Guaraní. Zeitschrift für Ethnologie 46:284-403. (Ñandēva).
- . 1914b. Vocabularios da Lingua Geral do Brasil nos dialetos dos Manajé do rio Ararandéua, Tembē do rio Acará Pequeno e Turiwāra do rio Acará Grande, Est. do Pará. Zeitschrift für Ethnologie 46:615-18. (Amanayē, Tembē, Turiwāra).
- . 1932. Idiomas indígenas del Brasil. Revista del Instituto de Etnología 2:543-618. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán. (Takunyapé).
- . 1948. The Cayabí, Tapanyuna, and Apiacã. Handbook of South American Indians (Julian H. Steward, ed.) (Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143) 3:307-20. Washington, D. C.: Government Printing Office.
- . 1980. Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes. Brasília: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Olson, Gary. 1978. Descrição preliminar de orações Wajapí. Ensaios Lingüísticos 3. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Wayampí).
- Olson, Roberta. 1978. Dicionário por tópicos nas línguas Oiampi (Wajapí)-Português. Ensaios Lingüísticos 2. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Wayampí).
- Rivet, Paul. 1924. Les indiens Canoeiros. Journal de la Société des Américanistes de Paris 16:169-82. (Avã).
- Rodrigues, Aryon D. 1953. Morfologia do verbo Tupi. Letras 1:121-52. Curitiba. (Tupinambá).
- . 1955. Morphologische Erscheinungen einer Indianersprache. Münchener Studien zur Sprachwissenschaft 7:79-88. (Tupinambá).

- . 1958a. Die Klassifikation des Tupí-Sprachstammes. Proceedings of the Thirty-second International Congress of Americanists, Copenhagen 8-14 August 1956, pp. 679-84. Copenhagen: Munksgaard. (Tradução: Classificação do tronco lingüístico tupi. Revista de Antropologia 12:99-104. 1964).
- . 1958b. Classification of Tupi-Guarani. International Journal of American Linguistics 24:231-4.
- . 1959. Phonologie der Tupinambã-Sprache. Dissertação de doutorado. Universidade de Hamburgo. (Tupinambã).
- . 1966. Classificação da língua dos Cinta-Larga. Revista de Antropologia 14:27-30.
- . 1970. Línguas ameríndias. Grande Enciclopédia Delta-Larousse, pp. 4034-36. Rio de Janeiro: Delta.
- . 1978. A língua dos índios Xetá como dialeto Guaraní. Cadernos de Estudos Lingüísticos 1:7-11. (Xetá).
- . 1980. Tupi-Guarani e Mundurukú: evidências lexicais e fonológicas de parentesco genético. Estudos Lingüísticos (Anais de Seminários do GEL) 3:194-209.
- Rodrigues, Daniele M. Grannier. 1974. Fonologia do Guaraní Antigo. Dissertação de mestrado. UNICAMP, Campinas. (Guaraní Antigo).
- Rondon, Cândido M. S., e João Barbosa de Faria. 1948. Glossário geral das tribos silvícolas de Mato Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos Índios. (Tupí-Kawahíb).
- Ruíz (de Montoya), Antonio. 1639. Tesoro de la lengua Guaraní. Madri. (Guaraní Antigo).
- . 1640. Arte, y bocabulario de la lengua Guarani. Madri. (Guaraní Antigo).

- Saelzer, Meinke. 1976. Fonologia provisória da língua Kamayurã. *Série Lingüística* 5:131-70. Brasília: Summer Institute of Linguistics. (Kamayurã).
- Schermair, Anselmo. 1957. Vocabulario Sirionõ-Castellano. *Innsbrucker Beiträge zur Kulturwissenschaft, Sonderheft 5*. Innsbruck. (Sirionõ).
- Schmidt, Max. 1937. Los Tapietês. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay* 4(2):36-67. (Tapieté).
- . 1938. Los Chiriguanos e Izozõs. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay* 4(3):1-115. (Chiriguãno, Izocoño).
- Schuchard, Barbara. 1979. Ñande Ñê: Gramática Guaraní para castellano hablantes. Santa Cruz de la Sierra. (Chiriguãno, Izocoño).
- Silva, Alcionílio B. Alves da. 1961. Discoteca etno-lingüístico-musical das tribos dos rios Uaupês, Içana e Cauaburi. São Paulo. (Língua Geral Amazônica).
- Silva, Márcio Ferreira da. 1981. A fonologia segmental Kamayurã. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas. (Kamayurã).
- Staden, Hans. 1557. Wahrhaftig' Historia und Beschreibung eyner Landtschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, in der Newenwelt America gelegen... Marburg. (Tupinambã).
- Stradelli, Ermano. 1929. Vocabularios da lingua geral portuguez-nheengatũ e nheengatũ-portuguez, precedidos de um esboço de grammatica nheênga-umbuê-sáua mirí e seguidos de contos em lingua geral nheengatũ poranduua. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 104, vol. 158, pp. 9-768. (Língua Geral Amazônica).

- Susnik, Branislava. 1975. *Dispersión Tupí-Guaraní prehistórica: ensayo analítico*. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- Tatevin, C. 1910. *La langue Tapíhiya dite Tupí ou Néëngatu (Belle Langue): grammaire, dictionnaire et textes*. Kaiserliche Akademie der Wissenschaften, Schriften der Sprachkommission, Band II. Viena. (Língua Geral Amazônica).
- Tossmann, Günther. 1930. *Die Indianer Nordost-Perus*. Hamburg: Cram, De Gruyter & Co. (Kokáma, Kokamíya, Omágua).
- Vellard, J. 1934. *Les indiens Guayakí*. *Journal de la Société des Américanistes de Paris* 26:223-92, 27:175-244. (Guayakí).